

O potencial educativo do audiovisual na educação formal

Lara Nogueira Silbiger¹

1. Introdução

Sentada no sofá de casa, assistindo a seu programa televisivo favorito, uma pessoa pode apreender uma ampla gama de conhecimentos. Dependendo do grau de interesse no assunto tratado, chega a reter o conteúdo de forma muito mais efetiva do que, por exemplo, na escola.

O potencial educativo dos meios de comunicação de massa, em especial dos audiovisuais, é inquestionável. E tal constatação não se limita à realidade brasileira. É um fenômeno global. Tomemos, a título de exemplo, os resultados de uma pesquisa divulgada na Revista Espanhola de Opinião Pública a respeito da influência dos meios audiovisuais sobre os jovens desse país. “80% da informação assimilada pelos adolescentes espanhóis entre 12 e 15 anos é transmitida através dos meios de comunicação de massa e da interação social. E somente 20% através da escola”.

Mas houve momentos em que o audiovisual chegou a ser visto pelos educadores como uma afronta à educação formal, uma vez que se mostrava muito mais atrativo do que as aulas tradicionais. Os alunos, acostumados a ficar horas em frente à televisão ou a uma tela de cinema, seduzidos por efeitos especiais, ficção, música, etc, já não se motivavam diante de uma lousa. Urgia uma adequação às radicais mudanças sociais que as novas tecnologias traziam consigo.

“A imagem é hoje a forma superior de comunicação. E, contrariamente ao que tem acontecido com a escrita e com o livro, que não têm conseguido substituir a linguagem, hoje estamos diante de uma técnica que tende a generalizar sua supremacia. Já não se trata apenas de uma elite ou de uma minoria de privilegiados ou de especialistas que se vê afetada por esse fato, mas da massa do povo, da humanidade, já que serão nações inteiras as que passaram, talvez, da cultura da palavra à cultura da imagem sem passar pela

etapa intermediária da escrita e do livro”.

As instituições oficiais de ensino já não podiam ficar indiferentes a esta inovação tecnológica que modificava profundamente o processo de assimilação emocional e racional da realidade. Então os educadores foram obrigados a rever a concepção que tachava o audiovisual de uma ameaça ao ensino tradicional.

Com ousadia, alguns professores arriscaram-se e usaram filmes como recurso didático na sala de aula. Com o passar dos anos e o aprimoramento das primeiras experiências, o audiovisual, por fim, foi reconhecido como um meio educativo em potencial.

As facilidades técnicas trazidas pelo vídeo cassete, o DVD, o Data Show, etc, bem como o custo relativamente acessível, tornaram viável o uso de vídeos na sala de aula.

Mas, apesar da presença do audiovisual nas instituições de ensino, infelizmente ainda não podemos falar de uma plena exploração do seu potencial educativo. Tal situação se deve provavelmente à ausência de uma análise em profundidade dos motivos geradores desta convivência, suas implicações, os critérios de utilização dos vídeos e seus alcances didático-pedagógicos.

Este trabalho pretende contribuir para tal reflexão, pois “uma técnica não se converte em uma ferramenta até que a saiba manejar e lhe aplicar a criatividade, a imaginação e o saber. No entanto, há tantas balas atiradas ao ar, perdidas!”.

Ao longo deste estudo, trabalharemos com os conceitos de educação, comunicação, aprendizado e pedagogia da imagem. O objetivo é proporcionar uma base teórica para o desenvolvimento da proposta didático-pedagógica de uso do vídeo em sala de aula.

2. A natureza da prática educativa

A prática educativa é por natureza um processo de comunicação. Assim a define

Sanvisens (1984) ao afirmar que “denominamos comunicação um fato humano e social que se manifesta como transmissão comunicativa de umas pessoas a outras, proporcionando-lhes idéias, saberes, habilidades, normas e pautas de conhecimento e conduta”.

Vislumbrar a prática educativa sob uma perspectiva comunicacional torna imprescindível contemplar o fluxo de mensagens no qual as pessoas intercambiam aspectos de seu repertório cultural. Mas, além disso, tal aproximação exige também uma análise do conceito de “comunicação”.

O termo comunicação tem sua raiz na palavra grega *Koinooni*, que significa “comum” - comunidade. Em latim, o vocábulo *communis*, que quer dizer “o que é de todos”, lhe atribui o mesmo sentido.

Portanto, a comunicação e a educação compartilham a mesma base cultural, que serve para estruturar as interações entre as pessoas e entre elas e o mundo. Alfaro (1993) destaca que estes intercâmbios podem ser objetivos e principalmente subjetivos. Esta relação comunicativa-cognitiva propicia a construção do sentido da vida, bem como a consciência da própria existência e da existência alheia.

3. A educação em estéreo

Seguindo a mesma linha de raciocínio que aproxima o processo educativo ao processo comunicativo, gostaríamos de introduzir neste momento a idéia de

educação em estéreo. Trata-se de um desafio que os meios de comunicação de massa lançam à escola, propondo um trabalho em conjunto. Seria a convergência das práticas comunicativa e educativa numa proposta pedagógica em estéreo.

A metáfora do cérebro humano elaborada por Babin e Kouloumdjian (1983) aclara como se daria esta convivência entre o sistema oficial de ensino e os produtos dos meios de comunicação de massa. “O funcionamento em estéreo respeita em parte o que se tem dito sobre as relações entre os hemisférios direito e esquerdo: cada um tem sua especificidade, seu ponto de vista, sua singularidade, porém entre um e outro existe uma *ponte*. E as informações recebidas na

direita, segundo o sistema do hemisfério direito, passam à esquerda. Desta maneira, existe distinção, porém também influência recíproca”.

A *ponte* entre os conhecimentos provinidos do produto da comunicação e os conhecimentos oferecidos pela escola é a comunicação, um conceito-chave na utilização didática do audiovisual. Segundo Ferrés (1995), “uma educação em estéreo utilizará a comunicação, o diálogo e a confrontação para facilitar a passagem das emoções ao hemisfério da reflexão e racionalidade. Do mono ao estéreo. Do homem fragmentado ao homem completo. Esta formulação pedagógica atinge o aluno em sua especificidade e em sua integridade. Preenche também as possibilidades expressivas dos meios audiovisuais e facilita a unificação do ambiente cultural. Finalmente assim concebido, o vídeo didático facilita a coerência entre a sensibilidade do aluno, a especificidade do meio e a evolução do sistema social”.

E acrescenta: “A educação em estéreo transforma a escola não em um centro de ensino, mas de aprendizado. Um centro preocupado não pela simples transmissão de conhecimentos, mas pelo enriquecimento em experiências de todo tipo: conhecimentos, sensações, emoções, atitudes, intuições... É a oportunidade de o aluno elaborar um projeto próprio de personalidade por intermédio da integração de todas as suas faculdades físicas e psíquicas mediante a inter-relação constante com o grupo, com a aula, com a escola, com a sociedade em geral”.

Neste momento, cabe uma ressalva sobre o uso do audiovisual como recurso didático na educação. Embora estejamos focando este estudo na utilização do audiovisual no âmbito formal, é importante ressaltar sua versatilidade. Seu potencial educativo também pode ser explorado na modalidade não formal, por exemplo em uma palestra promovida por uma ONG ou em um culto religioso, além de já ser parte integrante do sistema informal.

4. O aprendizado e o audiovisual

Segundo Piaget, a pedra angular do processo de aprendizado é a necessidade, que, por sua vez, gera um interesse pelo conhecimento. O passo seguinte é o sujeito tornar-

se receptivo à aquisição de um novo conteúdo. Isto facilita a apreensão da informação, sua interpretação e, por fim, a incorporação à bagagem cultural pré-existente, ampliando-a e renovando-a. Nesta situação se processa a aprendizagem significativa.

Nos casos em que o ensino-aprendizado não é fomentado pela necessidade e pelo interesse, a tendência é que a informação seja retida meramente por memorização e, tão logo não haja cobrança, caia no esquecimento.

Em relação ao processo de aprendizado promovido por uma exibição audiovisual, Moraes (2001) afirma que “tanto o cinema quanto o vídeo podem estimular uma forma de conhecimento ao acionar operações articuladas de memória, atenção, raciocínio e imaginação”. Daí sua eficácia no processo que conduz à aprendizagem significativa, em contraposição à memorização.

Projetando um filme, o professor pode resgatar no íntimo do aluno aspectos que não necessariamente estariam visíveis, mas que podem vir à tona com as emoções suscitadas pelo vídeo.

O audiovisual trabalha exatamente nesta direção, tentando seduzir o receptor. O objetivo é oferecer ao público algo que ele busca ou de que necessita, proporcionando-lhe assim satisfação. Pimenta (1995) afirma que “esta satisfação está associada ao equilíbrio da obra, que é transmitido sensorialmente ao espectador. A partir desta sensação, é possível fruir e apreender um “significado, conscientemente ou não”. Neste caso, *significado* quer dizer *conhecimento*.

No contexto escolar, a proposta de introduzir o audiovisual na sala de aula não deve modificar os hábitos arraigados de desfrute do filme, que é justamente o que garante uma maior receptividade ao conteúdo exibido. O desafio é manter a perspectiva do divertimento e do prazer propiciados pela fruição do vídeo, aliando tal atividade ao compromisso com a educação.

A riqueza desta estratégia reside justamente em emprestar ao processo educacional a “motivação afetiva” que o consumo cotidiano dos meios de comunicação de massa aciona nas pessoas, aproveitando sua capacidade de gerar um aprendizado espontâneo.

5. A sedução audiovisual

A obra audiovisual é o resultado da interação de imagens, música, texto falado e efeitos sonoros, formando uma unidade expressiva indissolúvel, com ritmo, desenvolvimento, proposta editorial e duração previamente estabelecidos.

Veracidade, magia e consumo são os pilares sobre os quais assenta as bases para sua evolução como indústria, meio de comunicação de massa, de arte e também de educação.

Para alcançar tais objetivos, o audiovisual lança mão de uma identidade própria, ou seja, de uma linguagem que o torna singular e extremamente sedutor. O diretor de cinema russo Sergei Eisenstein dizia que o cinema opera da imagem à emoção e da emoção à idéia. Inspirando-se provavelmente na mesma idéia, o diretor de uma televisão francesa, Claude Santelli, afirmava que “a linguagem audiovisual é aquela que comunica as idéias por meio das emoções”.

Portanto, trata-se de uma forma de expressão que mobiliza a sensibilidade, a intuição, a imaginação e as emoções com o objetivo concreto de *seduzir*.

Fischer (1984), estudando as preferências, as críticas e as sugestões de crianças e adultos sobre a televisão, formulou uma hipótese sobre o método empregado pelos programas televisivos para exercer o fascínio sobre o espectador: “... tanto o próprio meio como as mensagens por ele veiculadas atingiriam prioritariamente a subjetividade das pessoas, mais do que a sua capacidade objetiva de compreender o real, pela presença neles do mito. A TV permitiria a vivência eletrônica das pessoas com narrativas que tratem de questões muito profundas, como as relacionadas com a origem do homem, sua angústia diante da vida e da morte. (...) As narrativas do tipo romance policial conduzem o público a assistir à luta entre o Bem e o Mal, entre o herói e o criminoso. E mais: por um processo inconsciente de projeção e identificação, o espectador participa do mistério e do drama, tem o sentimento de estar pessoalmente envolvido numa ação paradigmática, perigosa, heróica. A obsessão do sucesso, tão presente no herói quanto no

criminoso, é também um comportamento mítico que traduz o desejo obscuro de transcender os limites da condição humana, com o qual o público jovem se identifica enormemente”.

Morin (1983) descreve os dois mecanismos que levam à participação afetiva. A *projeção* seria o ato de atribuir a alguém características que são nossas. Já a *identificação* consistiria no movimento oposto, no qual “o sujeito, em vez de se projetar no mundo, absorve-o”. Considera, entretanto, que ambos os mecanismos acontecem simultaneamente.

6. Fatores que determinam a eficácia do audiovisual na sala de aula

Muitos psicólogos e educadores têm se dedicado a investigar o potencial dos filmes como instrumento de ensino e aprendizado na educação formal. Entre eles, poderíamos citar Hoban Jr. e Van Ormer (1951), que dentro do “Programa de Pesquisa de Filmes Instrutivos” da Universidade da Pennsylvania, desenvolveram um estudo sobre os fatores que determinam a eficácia do audiovisual na educação formal. Algumas das conclusões a que chegaram foram as seguintes:

- *O valor dos filmes educativos*: as pessoas aprendem mais em menos tempo e são capazes de reter o conteúdo. Certos filmes facilitam o pensamento crítico e a solução de problemas.

- *Princípios que determinam a influência dos filmes educativos*: os filmes têm máxima influência quando o seu conteúdo reforça e/ou amplia conhecimentos, atitudes e motivações pré-existentes.

- *Princípio de especificidade*: quanto mais específica for a determinação do público alvo e dos objetivos propostos pelo filme, mais os receptores aproveitarão o conteúdo.

- *Princípio de relevância*: o alcance de um filme é maior quando seu conteúdo tem relevância direta para o público alvo.

- *Princípio de variabilidade da audiência*: as reações diante de um filme variam em função de fatores como a alfabetização cinematográfica, a inteligência abstrata, a experiência prévia em relação ao tema e os preconceitos.

- *Princípios das variáveis de ensino*: quando inserido de forma adequada num projeto didático-pedagógico, o filme tende a ser mais eficaz como instrumento de ensino-aprendizado.

- *Princípio da liderança do professor*: as qualidades do educador e a forma como ele apresenta o filme tem relação direta com a eficácia do processo educativo.

7. Pedagogia da imagem

Uma educação audiovisual coerente e integral deve abranger duas dimensões. A primeira delas é a *pedagogia com a imagem*, processo que usa o audiovisual como recurso didático. A segunda dimensão é a *pedagogia da imagem*, que toma o audiovisual como objeto de análise e sobre a qual nos deteremos a seguir.

A *pedagogia da imagem* consiste em integrar o estudo do audiovisual no programa das instituições de ensino. O objetivo é educar os alunos para uma aproximação crítica aos meios audiovisuais, como a televisão e o cinema. Segundo Ferrés (1995), “no âmbito da sociedade atual não se pode falar de uma educação integral se os alunos ainda não alcançaram uma determinada capacidade para uma análise crítica das mensagens emitidas por esses meios”.

Obviamente não se trata de converter esta formação numa disciplina específica. Estamos falando de uma proposta que visa à educação audiovisual, de forma interdisciplinar, dentro da escola. Por exemplo, por meio de oficinas.

Em relação aos objetivos específicos da alfabetização audiovisual, Fischer (1984) explica que “não se trata, evidentemente, de eliminar a fantasia, nem de o espectador passar a racionalizar tudo o que vê, nem ainda de controlar emoções, projeções e identificações diante da TV. O que se propõe, sim, é que ele aprenda a usufruir mais criativamente das mensagens que lhe chegam, sendo capaz de vivê-las em vários níveis, desde sua recepção pura e simples até o exercício crítico e valorativo sobre elas”.

Mas para desenvolver a pedagogia da imagem, ou seja, tomar o audiovisual como matéria de estudo, o professor precisa estar

apto para a tarefa. Sua formação deve abarcar conhecimentos específicos da linguagem audiovisual, mecanismos de funcionamento dos meios de comunicação de massa e noções didáticas de como educar os alunos neste âmbito.

Por exemplo, após a exibição de um filme, o professor não deveria deixar de comentar alguns conceitos básicos da realização de um produto audiovisual. Entre eles, o papel do diretor nas escolhas do enfoque temático, entrevistados, enquadramentos, iluminação, enfim, de todos os elementos que utiliza para imprimir uma visão própria de determinado aspecto da realidade.

Em relação ao mito da objetividade, Colombo (1976) afirma que “no mundo da imagem, a objetividade é só uma ilusão, pois o realizador nunca é neutro e, com sua intervenção (enquadramento, angulação, movimentos de câmera, ritmo do programa) impõe uma interpretação da realidade. Desse modo, a simples presença da câmera altera a realidade sobre a qual atua”.

É importante ficar claro para o aluno que o filme de ficção, o comercial de televisão, o documentário, as reportagens e as notícias do telejornal são recortes do real. Nas palavras de Baggaley e Duck (1982), os espectadores são levados a acreditar que estão recebendo informações, quando, na realidade, estão recebendo posicionamentos e opiniões sobre a verdade. O professor pode, deve e precisa ser um dos agentes da desmistificação da imagem como representação fiel da realidade.

8. Conclusão: Linguagem Audiovisual e Didatismo

Quanto à missão do audiovisual nas escolas, Ferrés (1995) afirma: “O programa didático baseado no vídeo pode ser simplesmente um meio de informação. O é com frequência. Porém pode se converter também em um excelente instrumento para que o aluno aprenda a formular perguntas, para que aprenda a expressar-se, para que aprenda a aprender”.

Mas, a fim de que surja esta motivação a partir do filme didático, realizadores audiovisuais e professores devem unir forças. Do contrário, sua utilização apenas

contribuirá para a formação de “espectadores de televisão com a boca aberta e os olhos lacrimejantes, que nada mais são que os sucessores do leitor passivo, silencioso, solitário, cuja cabeça se move para a direita e para esquerda ao longo da linha impressa”.

Quanto à parcela de esforço do professor no sentido de promover o aprendizado por meio de atividades audiovisuais, esta já foi discutida nos itens anteriores (6 e 7). Em relação à tarefa dos realizadores, discutiremos sua contribuição a seguir.

Consideramos que o primeiro grande desafio para a produção de filmes didáticos consiste em encontrar uma personalidade própria. “Sempre um pouco envergonhado de não ser o autêntico cinema – no sentido de cinema ficção ou narrativo –, o filme pedagógico ou se assemelha ao cinema de ficção e aceita não ser didático para não ser tedioso, ou dá as costas ao cinema de ficção e aceita ser tedioso para ter certeza de que é didático”.

Pimenta (1995) também faz uma distinção que pode ser útil para nossa análise. “No filme didático, a preocupação com a informação, com a lógica, com a cognição é quase exclusiva. Já no filme de lazer, o objetivo principal é seduzir o público através das imagens, acessando primeiramente o sistema sensorial e depois chegando ao cognitivo. Quando o filme didático também consegue seduzir, ele pode e deve ser utilizado”.

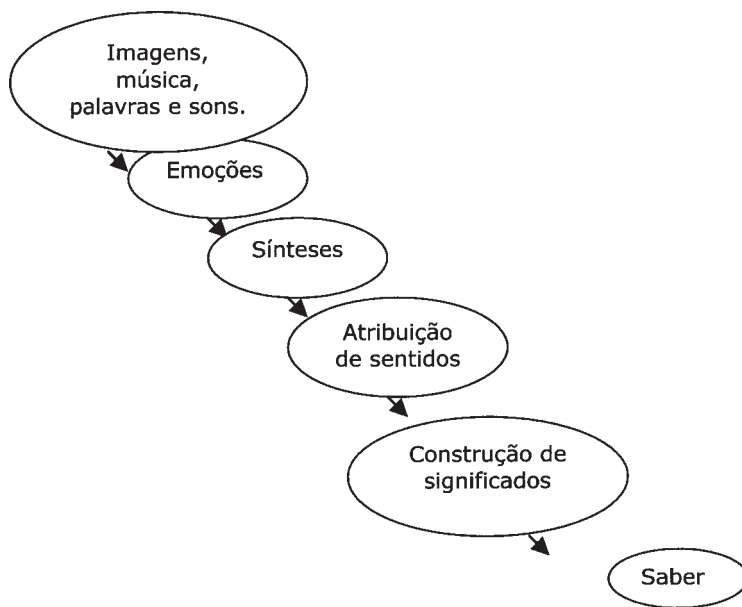
Portanto, está claro que o desafio para a produção didática consiste em seduzir o aluno, que, além de educando, é também um espectador acostumado aos efeitos de sons e imagens ultra explorados por Hollywood.

Desconsiderar a importância da interação entre afetividade e razão para se produzir o conhecimento, significa condenar a produção didática ao fracasso. Em relação a esta crise, Babin e Kouloumdjian (1983) acrescentam como causa “a dificuldade que manifestam os homens de Gutenberg, particularmente os intelectuais, em admitir a validade da imaginação ou da afetividade nos processos de conhecimento e ensino”.

Desde uma perspectiva audiovisual, não é aceitável um vídeo que, de um lado, comunique as emoções (por meio de um fundo musical sugestivo ou de imagens esteticamente belas) e, de outro, as idéias (discurso verbal).

O programa didático ideal comunica os conteúdos ao mesmo tempo em que estimula a imaginação e provoca sensações. Segundo Ferrés (1995), o audiovisual não deve transmitir somente informações do tipo cognitivo, mas também emoções e experiências. “São as emoções, suscitadas pela interação de

imagens, música, palavras e efeitos de som, as que estão carregadas de sentido ou de significado. Jean-Paul Sarte o expressava muito bem quando escrevia em *L’Imaginaire*: não seria a imagem uma síntese da afetividade e do saber?”. A seguir, elaboramos um quadro explicativo do processo descrito por Ferrés.



Bibliografia

Ferrés, Joan (1995): *Vídeo e Educação*. Porto Alegre, Artes Médicas Sul Ltda.

Franco, M. da Silva (1987): *Escola Audiovisual*. Tese doutoral. São Paulo, Universidade de São Paulo.

Moraes, R. A. S. Victor (2001): *Uma representação videográfica na arquitetura*. Dissertação de mestrado. São Paulo, Universidade de São Paulo.

Pimenta, M. A. de Almeida (1995): *As mídias na escola: comunicação e aprendizado*. Dissertação de mestrado. São Paulo, Universidade de São Paulo.

Rocher, Guy (1996): *Introducción a la sociología general*. Barcelona, Herder.

Vargas, German (2002): *Prácticas Educativas y Procesos de Desarrollo en los Andes. Estudio Etnográfico de la Comunidad Quechua de Aramasí – Provincia Tapacarí, Bolivia*. Tese de doutorado. Santiago de Compostela, Universidade de Santiago de Compostela.

¹ Universidade de São Paulo - Escola de Comunicação e Artes.